

Construção da carreira do universitário-atleta: percepções e expectativas na transição universidade-trabalho

College athlete's career building: perceptions and expectations in the transition from university to work

Construcción de la carrera del universitario-atleta: percepciones y expectativas en la transición universidad-trabajo

*Manoella Fiochi-Marques¹
Marina Cardoso de Oliveira²
Lucy Leal Melo-Silva³*

Resumo

As pesquisas que se dedicam a compreender a construção da carreira de estudantes universitários que têm participação esportiva destacam as dificuldades que eles enfrentam por terem de lidar com mais uma prioridade ao mesmo tempo: atividades acadêmicas e esportivas, além de outros desafios inerentes à vida universitária. Assim, este estudo objetiva descrever as percepções e expectativas de universitários-atletas sobre a construção de suas carreiras no processo de transição universidade-trabalho, por meio da análise das trajetórias e projetos de vida/carreira. Para tanto, realizou-se um grupo focal com quatro universitários-atletas concluintes do ensino superior. Os dados foram tratados por meio da análise do discurso e organizados em repertórios interpretativos. Os resultados apontam trajetórias marcadas pelo envolvimento esportivo desde criança, como critério de escolha do curso superior, e pela dinâmica da saliência dos papéis que demarca diferenças na identidade. Além disso,

¹ Universidade de São Paulo, SP, Brasil. E-mail: manoellafiochimarques@gmail.com

² Universidade Federal do Triângulo Mineiro, MG, Brasil. E-mail: mco.uftm@gmail.com

³ Universidade de São Paulo, SP, Brasil. E-mail: lucileal@ffclrp.usp.br

observou-se que as aprendizagens decorrem em habilidades transferíveis, ainda que haja falta de apoio institucional. Os projetos refletem as dificuldades em planejar o futuro e o interesse em continuar estudando após a graduação. Implicações teóricas, práticas e para futuras pesquisas são discutidas.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte; Carreira; Transição Universidade-trabalho; Esporte Universitário

Abstract

Research dedicated to understanding the college athlete's career building underscores the difficulties these students face as they have to manage their studies, athletic obligations and the challenges inherent to the college life. This study thereby aimed to describe the college athlete perception and expectations in terms of career building in the university-to-work transition process. This was carried out through the analysis of their life journey and life/career projects. A focus group was conducted with four senior college athletes. The chosen activities were discourse analysis and its organization in interpretive repertoires. The results render life journeys marked by childhood experience with sports as a criterion for choosing a college course, and by the dynamics of roles that demonstrate how sports shaped their identities. Furthermore, their learning process was based on transferable skills even if there was a lack of institutional support. The projects reflect the difficulties in planning for the future and the desire to continue studying after graduation. There is also discussion about the implications for theory, practice and future research.

Keywords: Sport psychology; Career; University-to-work Transition; College sport

Resumen

Los estudios que se dedican a comprender la construcción de la carrera de estudiantes universitarios que tienen participación deportiva destacan las dificultades que estos individuos enfrentan por tener que lidiar con más de una prioridad al mismo tiempo: estudios y actividades deportivas, además de los desafíos inherentes al contexto académico universitario. Así, esta investigación tiene como objetivo describir las percepciones y expectativas de universitarios-atletas sobre la construcción de sus carreras en el proceso de transición universidad-trabajo, a través del análisis de las trayectorias y proyectos de vida. Por lo tanto, fue realizado un grupo focal con universitarios-atletas próximos a graduarse, cuyos datos fueron analizados bajo el análisis del discurso. Los resultados apuntaron trayectorias marcadas por la participación en actividades deportivas desde la infancia, como criterio de selección de la carrera universitaria Y por la dinámica sobresaliente de los papeles que demarca diferencias en la identidad. Además, se observó que el aprendizaje resulta en habilidades transferibles, aunque haya falta de apoyo

institucional. Los proyectos reflejan las dificultades en planear el futuro y el interés en continuar estudiando después de la graduación. planificación para el futuro y el deseo de seguir estudiando después de la graduación. Se discuten las implicaciones teóricas y prácticas, para futuras investigaciones.

Palabras clave: *Psicología del Deporte; Carrera; Transición Universidad-trabajo; Deporte Universitario*

A transição de carreira da universidade para o mundo do trabalho, também conhecida como transição universidade-trabalho, é compreendida como uma etapa do desenvolvimento em que o jovem procura explorar as possíveis atuações em uma dada profissão, além de envolver-se em diferentes papéis de vida (Teixeira & Gomes, 2004). Nem todos os recém-formados sentem-se preparados para enfrentar a complexidade que envolve o processo de transição para o trabalho, uma vez que são requeridas atitudes, crenças e sentimentos de competência pessoal, e há o desafio de viabilizarem a realização de projetos de carreira (Magalhães & Teixeira, 2013).

Neste processo, espera-se que o recém-formado, ao concluir a graduação, seja capaz de tomar decisões a respeito do seu futuro profissional, que consiga encontrar trabalho coerente com sua formação e com seus objetivos profissionais, que se adapte ao trabalho e que conquiste sua independência financeira. Trata-se de um período da vida no qual ocorre ocorrem transformações significativas na orientação dos papéis sociais, nas rotinas e na identidade (Postigo & Oliveira, 2015).

Considerando a complexidade do cenário contemporâneo no qual as carreiras se constroem e a heterogeneidade das vivências acadêmicas no ensino superior, observa-se a necessidade de compreender como ocorre o processo de construção da carreira para diferentes grupos de universitários. Nessa direção, destacam-se os estudos voltados aos universitários-atletas, foco desse artigo.

As evidências mostram as dificuldades que este grupo de universitários enfrenta por ter de lidar com mais de uma prioridade concomitantemente, as atividades acadêmicas e as esportivas, além de lidar com outros conflitos que são comuns na juventude e que são inerentes à conclusão do ensino superior, como as dificuldades no planejamento da utilização

do tempo para treinamentos e campeonatos, bem como estudos, provas e trabalhos acadêmicos (Barros, 2008; Watt & Moore, 2001). Assim, o universitário-atleta tem que enfrentar o processo de transição do contexto educacional para o do trabalho como um universitário regular, acrescido de outras transições simultâneas, e particulares, que ocorrerão devido ao seu envolvimento extracurricular com o esporte, as denominadas transições esportivas, como por exemplo mudança de nível de participação esportiva, de lazer para o esporte-competição, ou vice-versa (Wylleman, Lavallee, & Alfermann, 1999). Diante das particularidades dessa população, teóricos da carreira e do esporte exploraram as especificidades da construção da carreira dos universitários atletas.

Um panorama do esporte universitário

O esporte universitário pode ser definido como toda e qualquer prática esportiva, seja ela obrigatória ou voluntária, realizada por alunos matriculados na graduação ou pós-graduação de uma Instituição de Ensino Superior (IES). Essa prática pode se concentrar em três manifestações distintas: esporte participação (voltada para o lazer), esporte educação (aprendizado de uma modalidade) ou esporte de desempenho (alto rendimento), como apontam Brasil (1998), Veloso (2005) e Barbosa (2014).

O surgimento do esporte universitário no mundo ocorreu por meio de ações isoladas e autônomas que partiram dos próprios estudantes. As primeiras manifestações datam entre os séculos XIII e XVIII nas universidades italianas, espanholas e inglesas mais antigas, ainda que o exercício físico não estivesse integrado nos programas universitários (Renson, 1999). Após tal período, em meados do século XIX o esporte aparece na Grã-Bretanha em todos os níveis educacionais, desde escolas primárias a instituições de nível superior. É nesta fase, e já no início do século XX, o período em que o esporte universitário se concretiza, com a internacionalização das competições e a criação dos primeiros órgãos institucionais. Foram os estudantes, fora do âmbito das universidades, que se organizaram em clubes desportivos e, posteriormente, em associações e federações nacionais (Galien, 2004).

As primeiras federações nacionais de esporte universitário nasceram nos Estados Unidos da América (EUA) (1905), seguidos pela Hungria (1907) e toda influência histórica se deu durante os períodos da Guerra Fria, Primeira e Segunda Guerras Mundiais, momento em que o esporte desempenhou um papel importante como demonstração de superioridade. As universidades dos EUA e da Grã-Bretanha, contudo, foram as primeiras a oferecerem programas esportivos às suas comunidades e a reconhecerem os valores educativos do esporte, tendo sido introduzidos de forma gradual em outros países. Daí o esporte se converteu em parte integrante do estilo de vida de muitos estudantes que aderem a programas de caráter educativo promovido pelas universidades (Parente, 2011).

De acordo com a cultura de cada país, a finalidade do esporte universitário pode variar. Há territórios com maior foco na formação de atletas para o alto rendimento, e aqueles que investem mais na formação integral (física e mental) do sujeito. Considerando que as primeiras manifestações do esporte universitário no mundo foram no continente europeu, tendo como grande exemplo o surgimento do movimento olímpico (Foldesi, 1993), a maior parte das organizações esportivas internacionais estão lá sediadas. Por mais que existam divisões entre os modelos esportivos no continente, em geral as experiências de seus torneios universitários têm como foco a integração e a confraternização entre os estudantes, com práticas mais amadoras do que competitivas. Ao contrário do que acontece com o esporte de elite fora das IES, em que o mercado desempenha um papel central, o esporte universitário é baseado nos princípios da atividade sem fins lucrativos e no seu papel educativo. De uma forma geral, têm como objetivo principal o divertimento, a promoção da saúde, a participação e, apenas em certos casos, no âmbito da competição esportiva, de alto rendimento (Veloso, 2005).

Uma das referências do esporte universitário mundial é o modelo norte-americano, que possui enorme popularidade, cobertura da mídia e dimensão social, principalmente nos EUA. O eixo mais representativo do esporte universitário estadunidense, desde o início, é o esporte de desempenho, cujo objetivo principal é a obtenção de resultado, além de ser uma prática seletiva, em que estão apenas os melhores dentre os universitários

(Parente, 2011). Após suas primeiras manifestações em meados do século XIX, a *National Collegiate Athletic Association (NCAA)* foi fundada, em 1906, como órgão máximo do esporte universitário estadunidense, no mandato de Theodore Roosevelt. O então presidente impôs aos reitores das universidades que tornassem o esporte seguro ou que acabasse de imediato, visto que haviam sido registradas 18 mortes e 150 feridos graves durante a prática de jogos de futebol americano nos primeiros campeonatos universitários (Renfro, 2007).

Assim, a NCAA é o órgão máximo do esporte universitário estadunidense até os dias atuais. Dentre suas diversas atribuições, é responsável por fomentar e regular a prática esportiva no ensino superior por meio de três divisões. As divisões são diferenciadas em termos do desempenho e *performance* dos universitários-atletas, da concessão de bolsas e do nível de exposição pública. A primeira divisão é a que engloba uma maior demanda da participação esportiva. Os estudantes que estão neste grupo raramente têm uma experiência universitária comum, pois precisam possuir um grande desempenho esportivo, que os levam a muitas competições, treinamentos, e então a um financiamento maior por parte da NCAA. Por outro lado, existem universitários que poderiam estar na primeira divisão, mas optam por jogar no segundo ou terceiro nível (com menor financiamento e decorrente de menor dedicação e desempenho esportivo), porque têm como prioridade os estudos, e declaram que competem mais por amor ao esporte do que por recompensas externas. Além disso, existem instituições que disputam apenas as duas últimas divisões e se orgulham da capacidade de integrar o atleta ao meio acadêmico (Watt & Moore, 2001).

No contexto brasileiro, as primeiras manifestações do esporte universitário foram registradas no final do século XIX em São Paulo e no Rio de Janeiro. A fundação de um órgão máximo intitulado Confederação Brasileira de Desporto Universitário (CBDU) ocorreu em agosto de 1939, contudo, fora oficializada após dois anos, por meio da primeira lei regulamentadora do esporte em vários âmbitos, a de número 3617/41, assinada pelo então presidente Getúlio Vargas. Após tal decreto, que esteve vigente durante quase 34 anos, a lei 6351/75 regulou o modelo de esporte universitário presente até os dias atuais, ressaltando sua separação do esporte escolar

em relação ao repasse de verbas. Adiante, novas leis conhecidas como Lei Zico, Lei Pelé e Lei Agnelo/Piva foram instituídas, com o objetivo de atender a melhorias das políticas públicas voltadas ao esporte como um todo. Apesar da importância da criação de tais leis para referendar uma série de ações no âmbito do esporte universitário, elas ainda são pouco esclarecedoras enquanto direitos e deveres, políticas de remuneração e relações atletas-instituições, por exemplo (Starepravo, Reis, Mezzadri, & Marchi, 2010).

A CBDU ainda é a entidade máxima do esporte universitário oficial brasileiro e a responsável pelo repasse de verbas para cada IES. Desde sua criação, estuda a organização dos calendários de jogos e tem como principal campeonato os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) (Barbosa, 2014; Leiros *et al.*, 2010). Dentro das IES brasileiras, contudo, é possível observar práticas variadas do esporte, integrando um pouco do que existe no contexto norte-americano e europeu. Dessa forma, neste segmento encontram-se atualmente práticas voltadas para os três tipos de esporte reconhecidos pelas leis brasileiras: esporte-educação (aprendizado de alguma modalidade), esporte-*performance* (de rendimento, que busca o alto desempenho) e esporte-participação (prática esportiva livre que visa o lazer e a integração estudantil), com maior incentivo ao esporte-*performance* (Starepravo *et al.*, 2010). Essa falta de definição sobre o tipo de esporte praticado nas IES brasileiras pode ser entendida devido à existência de dois tipos de natureza das IES, públicas e privadas, que buscam executar similarmente projetos esportivos, porém com regras e modelos de gestão diferentes. Uma vez que as IES privadas podem oferecer apoio aos atletas para fazerem parte de seus times em troca de benefícios como bolsas de estudos, enquanto IES públicas o esporte é oferecido como projeto de extensão e praticado de forma mais amadora, a disputa dos campeonatos torna-se desigual, já que todas participam juntas dos campeonatos oficiais para concorrer a uma vaga ao JUBs (Barbosa, 2014).

Diante do exposto, percebe-se que o processo de construção da carreira dos universitários-atletas é complexo e carece de incentivos legais e apoio institucional. Nesse sentido, torna-se importante que as instituições

de ensino superior reconheçam seu papel neste processo e ofereçam assistência estudantil adequada para atender as especificidades destes universitários, em especial durante o processo de transição universidade-trabalho.

Serviços de Apoio Estudantil

Como muitos pesquisadores argumentam (p.ex.: Barros, 2008; Petrie & Russel, 1995; Watt & Moore, 2001; Wylleman, Lavallee, & Alfermann, 1999), universitários que participam do esporte enfrentam inúmeros desafios, tais como, conflitos de agenda entre o calendário letivo da IES e dos campeonatos e falta de compromisso com o esporte entre alguns membros da equipe, por exemplo. Nesse sentido, a oferta de serviços de assistência estudantil especializada tem sido altamente indicada. Em muitas instituições estadunidenses, a oferta destes serviços é uma realidade, e tem como objetivo oferecer apoio e facilitar o processo de adaptação dos estudantes universitários aos papéis de estudante e de atleta.

Para que os serviços sejam eficazes para atender as demandas dessa população, Watt e Moore (2001) recomendam que os profissionais de assuntos estudantis, que em geral são orientadores de carreira, devem estar preparados para lidar com assuntos não só do meio acadêmico, como também do contexto esportivo. Dessa forma, entende-se que poderão lidar e avaliar com mais discernimento o impacto do esporte na formação acadêmica de cada universitário-atleta, além de auxiliá-los a lidar com as pressões e demais dificuldades também inerentes à vida universitária.

No Brasil, pouco se encontra na literatura sobre a construção da carreira e a oferta de serviços especializados de orientação para universitários-atletas, o que pode ser apontado como uma das dificuldades enfrentadas pela própria consolidação e incentivo ao esporte universitário, que tem um alto potencial de crescimento, mas continua com gestões amadoras e pouco financiamento (Barbosa, 2014). Assim, diante das especificidades do esporte universitário brasileiro e das demandas específicas dessa população, observa-se que o estudo da construção da carreira de universitários-atletas é um tema atual e de relevância para o campo da Orientação Profissional e de Carreira e da Psicologia do Esporte.

A construção da carreira para universitários-atletas

A construção da carreira de universitários envolvidos com o esporte é permeada por conflitos e demandas específicas, como a conciliação das atividades acadêmicas e esportivas, calendário de provas, treinamentos e campeonatos específicos (Watt & Moore, 2001). Assim, as experiências no esporte universitário acrescentam diferentes significados ao processo de formação e, conseqüentemente da transição universidade-trabalho, quando comparados a estudantes não atletas.

O contato com esporte, em geral, é iniciado antes do ensino superior. Nesse sentido, entende-se que o universitário-atleta já vivenciou possíveis transições na carreira esportiva em anteriores estágios educacionais, como o ingresso em uma equipe universitária ou a transição para a saída do esporte competitivo (Barros, 2008; Brown et al., 2015). A perspectiva holística da vida (*lifespan*) sobre a qual diversas pesquisas de carreira esportiva se fundamentam (p.ex.: Alfermann & Stambulova, 2007; Stambulova, Alfermann, Statler & Côté, 2009; Wylleman & Lavalle, 2004) leva em consideração que a carreira no esporte é uma parte integrante da carreira ao longo da vida de uma pessoa (Stambulova, 2010).

Partindo deste quadro de conceitual, no escopo desse estudo, a construção da carreira do universitário atleta será analisada tendo como referência a abordagem da carreira psicossocial (Ribeiro, 2014). Nesta abordagem o processo de construção da carreira é descrito por meio da análise da trajetória e dos projetos de vida/carreira. De acordo com o referido autor, a trajetória é entendida como um elemento constituinte da carreira, caracterizada como uma articulação no tempo e espaço dos eventos da vida e expressa por meio das histórias de vida, que se constroem por meio dos enredos e temas, e são pautadas nos acontecimentos cotidianos de trabalho de cada sujeito. Os enredos de vida compreendem a estrutura e a dinâmica da trajetória de vida, enquanto os temas de vida compreendem um padrão da construção de sentido nas ações.

Em suma, a trajetória de vida permite atribuição de significado e coerência à vida das pessoas, e permite a construção dos projetos de vida/carreira. Por sua vez, o projeto de vida também é entendido como uma

estratégia no tempo e espaço, que articula o passado, o presente e o futuro que se procura atingir, compreendendo o planejamento e a antecipação de um comportamento futuro (Almeida & Magalhães, 2011). Além disso, quando a carreira passa a ser analisada numa perspectiva psicossocial, resulta da relação dialética entre elementos subjetivos e sociais, que se articulam e criam realidades particulares a cada contexto, e não verdades universais (Knabem & Ribeiro, 2015).

Partindo desse referencial teórico, entende-se que ao longo do ciclo da vida, a sequência e a integração entre as diversas posições ou papéis que uma pessoa desempenha definem a carreira. Ao desempenhar novos papéis, o indivíduo abandona certas características identitárias (Lassance & Sarriera, 2009). No caso do universitário-atleta, Watt e Moore (2001) abordam a ênfase na saliência dos papéis, identidade e a perpetuação de estereótipos. Os autores apresentam as duas facetas, positiva e negativa, do envolvimento esportivo durante o período universitário, sendo que em alguns casos a participação esportiva ajuda o universitário atleta a lidar melhor com sua autoestima e a desenvolver uma identidade positiva e caráter forte, enquanto em outros sentem-se isolados e relatam dificuldade de conciliar os papéis relativos aos estudos e ao esporte.

Diante das especificidades da carreira do universitário-atleta apresentadas e da particularidade dessa população no contexto brasileiro, o objetivo do presente estudo é explorar as percepções de universitários-atletas sobre a construção de suas carreiras no processo de transição universidade-trabalho, por meio da análise das suas trajetórias e projetos de vida/carreira.

MÉTODOS

Participantes

Realizou-se uma entrevista na modalidade grupo focal com quatro universitários-atletas de uma universidade pública do interior do Estado de Minas Gerais, IES de origem de duas das pesquisadoras. Os grupos focais são definidos como uma técnica de pesquisa qualitativa que coleta informações num ambiente de interação (Bomfim, 2009).

Para a seleção dos participantes foram definidos os seguintes critérios: (a) estudantes de nível superior de diferentes cursos de graduação; (b) que já tivessem participado de competições esportivas representando a universidade; (c) e que se encontravam cursando o último ano de graduação. Devido às especificidades dos critérios elencados, a ampliação da amostra não foi possível, uma vez que no último ano de graduação é reduzido o número de universitários envolvidos com o esporte. A Tabela 1 mostra a caracterização dos participantes, todos do sexo masculino.

Tabela 1 – Caracterização dos Participantes

| | Participante 1 | Participante 2 | Participante 3 | Participante 4 |
|---------------|-----------------|---------------------|----------------|------------------------|
| Nome fictício | Alan | Ian | Odir | Rui |
| Idade | 28 anos | 23 anos | 22 anos | 25 anos |
| Curso | Educação Física | Educação Física | Psicologia | Engenharia de Produção |
| Modalidade | Handebol | Natação e Atletismo | Basquetebol | Basquetebol |

Instrumentos

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um roteiro semiestruturado para entrevista em um grupo focal. “Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos” (Veiga & Gondim, 2001, como citado em Gondim, 2003, p. 151). Essa estratégia qualitativa foi escolhida uma vez que os grupos focais se baseiam no pressuposto de que opiniões e atitudes são formadas na interação interpessoal (Carlini-Cotrim, 1996). É papel do moderador do grupo garantir um ambiente receptivo para que diferentes percepções e pontos de vista sejam expostos, possibilitando a troca de experiências entre os participantes. No grupo focal, foram abordados os temas que envolvem a construção da carreira, objeto deste estudo. A Tabela

2 mostra a organização do roteiro de entrevista do grupo focal em eixos temáticos e seus respectivos objetivos. As categorias foram elaboradas a partir da abordagem de construção de carreira psicossocial (Ribeiro, 2014).

Tabela 2 – Relação entre os eixos temáticos do roteiro de entrevista e seus respectivos objetivos

| Eixos temáticos | Objetivos |
|--|---|
| Apresentação dos participantes | Caracterizar os universitários atletas e suas experiências acadêmicas e esportivas |
| Trajatórias de carreira | Analisar como as carreiras dos participantes foram construídas, a partir de questionamentos sobre o envolvimento no esporte e no curso |
| Projetos de vida/carreira | Investigar os planos de vida e carreira e as expectativas dos universitários atletas após a formatura |
| Habilidades desenvolvidas na atividade esportiva | Apreender a percepção dos participantes sobre habilidades construídas e/ou desenvolvidas a partir do esporte, que poderiam ser transferíveis para o mundo do trabalho |

Procedimento de coleta de dados

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da universidade sede do projeto de pesquisa (Parecer 1.376.349 de 18/12/2015). A seguir, foi realizada a busca dos participantes a partir da rede de contatos das pesquisadoras, por meio de contato com a atlética da universidade de origem de duas das pesquisadoras, constituindo-se a amostra por conveniência. Aos universitários-atletas que cumpriram os critérios de inclusão e que aceitaram participar da pesquisa foram esclarecidos os objetivos da investigação e os aspectos éticos como o uso das informações e a garantia do anonimato.

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista no formato de grupo focal. Para a definição do número de sessões levou-se em consideração a natureza exploratória do estudo e por isso optou-se pela realização de uma entrevista grupal para apreender percepções, opiniões e sentimentos frente a um tema específico (Bomfim, 2009), no caso deste estudo

a construção da carreira do universitário-atleta na transição universidade-trabalho. A composição do grupo buscou-se atender as recomendações de Dias (2000), que sugere um número entre quatro e doze participantes.

A entrevista foi realizada em uma sessão. As sessões ocorreram em uma sala de aula reservada dentro da própria IES de origem dos quatro participantes, teve duração de uma hora e foi gravada com o consentimento dos mesmos. Inicialmente o áudio da entrevista foi transcrito na íntegra para uma tabela, e depois foram analisados por duas pesquisadoras (primeira autora e pesquisadora-colaboradora) de forma independente. Para assegurar a confiabilidade das análises realizadas, um terceiro pesquisador colaborou como auditor, no intuito de verificar a adequação da análise e sugerir ajustamentos, quando necessário.

Procedimento de análise de dados

A análise dos dados foi feita a partir da análise do discurso, com foco na identificação de repertórios interpretativos. Este método busca identificar unidades de linguagem expressas por um conjunto de termos, descrições, lugares comuns e figuras de linguagem que se organizam em torno de metáforas ou imagens usadas nas comunicações cotidianas e que demarcam o rol de possibilidade de construções de sentidos (Spink, 2004; Potter & Wetherell, 1987). O pesquisador, ao fazer as interpretações sobre os padrões contidos na linguagem, cria blocos de interpretação que esclarecem os consensos e as variações presentes no discurso. Os repertórios interpretativos são, por sua vez, os sumários destas interpretações.

Os achados desse estudo refletem uma possibilidade discursiva construída na relação entre participantes e pesquisadora. Assim, devem ser considerados como uma entre as múltiplas possibilidades de sentidos sobre os temas investigados. Após a transcrição na íntegra do grupo focal, os blocos de interpretação foram criados e os respectivos repertórios interpretativos foram identificados, tendo em vista os critérios de análise da os elementos que caracterizam a construção da carreira na abordagem psicossocial, sendo eles as trajetórias e os projetos de vida/carreira (Ribeiro, 2014). A Tabela 3 mostra a organização dos repertórios interpretativos.

Tabela 3 – Relação entre elementos da carreira psicossocial e os repertórios interpretativos

| Elementos da carreira psicossocial | Repertórios interpretativos |
|------------------------------------|---|
| Trajetórias de vida/carreira | - Envolvimento esportivo desde a infância |
| | - Interesse pelo esporte como critério de escolha do curso superior |
| | - Saliência de papéis |
| | - Falta de apoio institucional |
| | - Habilidades transferíveis |
| Projetos de vida/carreira | - Dificuldade para planejar o futuro |
| | - Continuação dos estudos |

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análise das trajetórias de vida/carreira

A trajetória de vida/carreira pode ser entendida como o percurso do sujeito durante um determinado período de tempo, que se expressa por meio de histórias, enredos e temas de vida (Ribeiro, 2014). De acordo com os discursos produzidos no grupo focal, foram identificados cinco repertórios interpretativos que caracterizaram as trajetórias de vida/carreira dos universitários atletas. Tais repertórios são apresentados e discutidos a seguir.

Envolvimento esportivo desde a infância

Um dos pontos comuns em relação às trajetórias de vida/carreira dos universitários-atletas nesse estudo foi o envolvimento com várias modalidades esportivas desde a infância. Palavras e expressões que caracterizaram esse repertório foram “desde pequeno”, “estava sempre disputando campeonato”, “desde pequenininho sempre joguei de tudo”. A fala de Ian, estudante de Educação Física, reflete esse posicionamento do grupo: “Entrei com 8 anos pra natação, depois futebol de campo, atletismo uma passagem rápida [...] fui pro handebol”.

A experiência esportiva desde criança em várias modalidades, a partir dos sete anos em geral, parece ter sido um fator comum na trajetória desse grupo, até optarem por modalidades específicas, alguns ainda na infância, outros durante a adolescência. Assim, os relatos dos participantes vão ao encontro dos achados de Mirotti e Casasnovas (2003). Segundo os referidos autores, a iniciação esportiva atua como determinante na manutenção do esporte durante a vida, além da importância de experimentar diversas atividades esportivas na infância para então focalizar em uma modalidade.

Interesse pelo esporte como critério de escolha do curso superior

Foi possível identificar diferentes posições de universitários-atletas em relação à escolha do curso superior: os que escolheram um curso ligado ao esporte, e aqueles que não se pautaram no seu envolvimento esportivo para a escolha. Os que escolheram o curso com vínculo esportivo, estavam cursando Educação Física e caracterizaram este repertório por meio de falas como “foi baseado na emoção que senti pelo esporte”, “eu não me vejo fazendo outro curso”, “posso juntar tudo que eu gosto”, “tive oportunidade de atuar”. Um deles, Ian, ainda cita sua experiência na área como decisiva para a escolha: “meu técnico faltou e pediu pra mim que ficasse encarregado de passar o treino pras turminhas menores, aí eu comecei... eu vi o outro lado, era prazeroso estar ali”.

Já os outros dois participantes não se sentiram motivados a cursar o ensino superior relacionado com o esporte. As expressões que caracterizaram o repertório foram: “fui mais levado pelo lado da razão”, “fiz orientação profissional”, “foi bem pensado”, “eu gostava, mas num me via fazendo aquilo”. Rui, estudante de Engenharia de Produção, diz ter desconsiderado a possibilidade de cursar Educação Física devido a uma experiência prática negativa de dar aula em uma escola no lugar de sua mãe. Por sua vez, Odir, estudante de Psicologia, deixou claro que sempre pensou no esporte como algo complementar à sua formação, e por isso não foi influenciado em sua escolha: “Eu tinha em mente que ia continuar me

exercitando, fazendo alguma coisa [...] praticar esporte é muito prazeroso e por mais que eu não prestasse uma faculdade que fosse ligada ao esporte, eu continuaria praticando de alguma maneira”.

Esse repertório interpretativo ilustra os dois rumos diferentes devido às escolhas feitas no início da trajetória universitária de cada participante. Nesse sentido, o discurso dos universitários-atletas corrobora os achados de Almeida e Magalhães (2011), pelo fato de entenderem as escolhas como não somente individuais. Em seu ensaio, as autoras embasam o fato de as escolhas serem influenciadas pelo contexto no qual as pessoas estão inseridas e pelas circunstâncias e prioridades de vida naquele momento particular (p.ex.: Ramos & Lima, 1996; Velho, 1981), assim como no momento de optarem por uma dentre inúmeras possibilidades de cursos superiores ou técnicos. Nesse sentido, entende-se que o envolvimento e as experiências esportivas atuaram, para alguns participantes, como um dos fatores influentes para a escolha dos cursos, de acordo com as prioridades, interesses e oportunidades de cada um no período de escolha do curso superior.

Saliência de papéis

Nesse repertório interpretativo, o discurso dos participantes evidenciou a dinâmica da saliência dos papéis de “estudante” e “atleta”, indicando que existem diferentes níveis de envolvimento esportivo durante a graduação. A partir do grau deste envolvimento, o universitário pode assumir diferentes identidades. A fala de Ian retrata esse posicionamento do grupo.

“São duas vias né. Esporte enquanto lazer na universidade, que promove mais a integração social e atividade física pra que o aluno consiga realizar uma atividade paralela como distração, lazer, e outra via que seria do rendimento esportivo, tá compromissado a disputar, representar a universidade lá fora”.

A partir disso, o grupo construiu e ressaltou diferenças entre as identidades de “atleta-universitário” e “universitário-atleta”. No discurso dos participantes, houve uma diferença de identificação, em que o primeiro, “atleta-universitário”, já está envolvido com certa modalidade antes de

ingressar no ensino superior, e, portanto, tem mais experiência no meio esportivo. O estudante que decide se envolver durante o curso no esporte, o “universitário-atleta”, não necessariamente teve experiências *a priori*, mas nada impede que se engaje em atividades para representar a universidade no alto rendimento.

Ao desenvolverem as diferenciações de cada um, ficou claro que a palavra que vem primeiro indica a saliência do papel desempenhado pelo universitário, bem como Alan, estudante de Educação Física, apontou: “o estudante-atleta nunca praticou esporte a nível de competição, mas sempre gostou de praticar e concilia isso com o estudo. Agora o atleta-estudante é diferente. Muitas faculdades, que nem as particulares, contratam atletas pra virar atleta da faculdade”. Assim como exposto pelos participantes, Watt e Moore (2001) teorizam sobre o assunto, apontando que de fato os dois “tipos” de universitários tentam conciliar os papéis de estudante e atleta. Contudo, atletas-universitários priorizam o papel de atleta em detrimento do de estudante, enquanto universitários-atletas cuidam do papel de estudante, e praticam esporte mais por lazer. Assim, as expressões utilizadas nesse repertório para definirem o atleta-universitário foram “ter muita dedicação”, “tem que ter um algo a mais”, “rendimento esportivo”, “já é um atleta antes”. Para descreverem o universitário-atleta, as expressões foram “esporte enquanto lazer na universidade”, “universitário que pratica esportes”, “quer os benefícios de um atleta, mas não quer se dedicar ao esporte”.

Ainda nesse repertório interpretativo, os participantes apontaram o impacto do envolvimento esportivo durante a graduação. Três participantes declararam que foi algo positivo, pois “ajudou no rendimento da faculdade”, “é uma via de ganhar mais conhecimento”, “conhecer outras culturas e como funciona outras faculdades”, “é relaxante”, “é prazeroso pensar que fiz parte disso”, “experiência tanto pessoal quanto profissional”, “a faculdade ia ficar um tanto quanto estressante”. Isso vai ao encontro do que evidenciam diversos estudos, destacando os benefícios da participação esportiva para o universitário. De acordo com as pesquisas, este envolvimento ajuda o

universitário-atleta a desenvolver características como liderança, responsabilidade, sociabilidade e autoaceitação (Chu, 1989, como citado em Watt & Moore, 2001; Harris, 1993 como citado em Watt & Moore, 2001).

Por outro lado, Rui citou aspectos negativos (desvantagens, renúncias e perdas) por ter se envolvido com o esporte, pois o mesmo julga que perdeu oportunidades importantes, como ilustra sua fala: “Se eu não tivesse o esporte na faculdade acho que provavelmente teria feito outras coisas, [...] mas como o esporte falava mais alto para mim eu acabei seguindo jogando”. A dificuldade apontada pelo participante é semelhante à dificuldade vivenciada atualmente no contexto brasileiro como um todo, já que as leis sobre o esporte universitário não são claras e nem devidamente aplicadas (Starepravo et al., 2010). De certa forma, isto auxilia na confusão de papéis do universitário-atleta que não tem, entre outros exemplos, o direito ao abono de faltas previsto por lei para representar a instituição universitária em competições esportivas, pois apenas sugere-se que as IES criem regras e normas próprias nesses casos (Carvalho, 2015). Por fim, o depoimento de Rui, não deslegitima a percepção dos outros participantes que reforçam o desenvolvimento das habilidades positivas citadas, apenas ilustra a dificuldade dos universitários-atletas para se integrar ao meio acadêmico sem ter que abandonar a prática esportiva.

Falta de apoio institucional

A falta de apoio institucional presente no discurso dos participantes sinalizou a dificuldade de conciliar treinos com estudos, em especial no final da graduação, e a falta de políticas de incentivo. Essa dificuldade de permanecer engajado no esporte foi descrita pelas expressões “a gente não vê apoio geral da faculdade para o atleta”, “acham que a gente vai para fazer bagunça, mas não”. As falas de Alan e Ian, respectivamente, expressam este posicionamento do grupo: “Acho que faltam políticas de esporte/estudo na faculdade. Aqui na nossa a gente não vê apoio geral da faculdade para o atleta”. “É interessante que a universidade procure ter um vínculo a mais, abrir um meio de que o atleta-estudante consiga se dedicar mais para o rendimento. Falta um pouquinho isso nas universidades públicas”.

Esse repertório diz sobre a influência do suporte institucional na trajetória dos participantes. Nota-se que o rendimento esportivo da maioria deles foi diminuído e até se encerrou por falta de incentivo e apoio à continuidade do treinamento. Todos os participantes declararam ter vivido o conflito de papéis entre ser atleta ou ser universitário, sendo possível considerarem os dois papéis apenas em um dado momento de suas vidas universitárias.

Ao final da graduação, frente ao processo da proximidade com a transição universidade-trabalho, os quatro participantes optaram por diminuir o engajamento no papel de atleta para conseguirem concluir a graduação com a excelência exigida pela instituição. A comparação feita por Ian entre a sua universidade e as universidades estadunidenses reflete a necessidade de novos programas de incentivo e permanência no esporte brasileiro: “Quando a gente vê lá fora, nos EUA é muito diferente, muito discrepante a política de esporte lá, comparada com a nossa aqui”. Apesar da criação de órgãos referentes ao esporte universitário brasileiro, eles parecem não ser tão efetivos quanto a NCAA. Segundo Barbosa (2014), no Brasil o que existe é uma gestão amadora no esporte universitário, dificultando o despontamento de atletas e equipes universitárias, que seguem com pouco o nenhum apoio da mídia e de órgãos fomentadores.

Habilidades transferíveis

Nesse repertório interpretativo, os participantes destacaram habilidades desenvolvidas no e com o esporte, em especial aquelas que poderão transferir para o mundo do trabalho. Expressões como “criei uma maturidade”, “ninguém me ensinou no curso”, “utilizar isso com outras pessoas na minha profissão”, ilustram o repertório. O trecho de Odir reflete este posicionamento do grupo: “[o esporte] muito mais me ensinou do que simplesmente botou em prática algo que eu já sabia, agora posso ver de um panorama diferente”.

Esse repertório sugere que o envolvimento esportivo foi uma etapa importante na trajetória de carreira dos universitários atletas, pois acrescenta vivências extracurriculares, que permitirão transferir conhecimentos

após a graduação. As habilidades desenvolvidas nas atividades esportivas como maturidade, relacionamento interpessoal, desenvoltura em público, empatia e organização, foram descritas como úteis para adaptarem-se às exigências da sociedade. A disciplina que o esporte requer, o trabalho em equipe e experiência com vitórias e derrotas em competições constituem habilidades significativamente úteis para a vida e carreira. Os repertórios dos participantes corroboram os achados do estudo de Watt e Moore (2001) ao afirmarem que as características desenvolvidas pelo esporte contribuem para o sucesso em outras instâncias da vida.

Análise dos projetos de vida/carreira

Os projetos de vida/carreira podem ser entendidos como planos para o futuro, sempre levando em conta a trajetória de cada pessoa. Eles têm como consequência a criação de planos de ação que funcionam como direcionadores do comportamento e orientados à realização do planejamento (Ribeiro, 2014).

Ao serem questionados sobre seus projetos, os participantes expressaram uma visível dificuldade em planejar o futuro. Das narrativas dos participantes, extraiu-se então, dois repertórios interpretativos.

Dificuldades para planejar o futuro

Os participantes indicaram falta de clareza nos planos futuros para a vida após a graduação. O grupo ressaltou como possibilidades: continuar estudando, conciliar trabalho com estudos, e voltar/continuar se envolvendo com esporte como lazer. Palavras e expressões que caracterizaram este repertório interpretativo foram “não sei qual área ainda”, “não cheguei a olhar”, “tô ainda em cima do muro”. A seguir, Odir e Alan, respectivamente, expressam as dificuldades no planejamento: “tenho muita dúvida ainda, sabe? Acho que a gente tá num divisor de águas. Antes eu tava só dando uma pensada, eu fico um pouco dividido [...] ainda não tem nada fechado, acho que tem outras coisas a considerar”. “Acho que a gente tem

três caminhos depois da graduação. Tem mestrado, especialização ou residência. [...] Tô indeciso ainda qual fazer primeiro, mas acho que eu vou tentar especialização”.

As falas remeteram às incertezas e dificuldades em elaborar planos de carreira. Nesse sentido, as tentativas de construção de projetos para depois da graduação podem ser dificultadas pela falta de serviços especializados de apoio ao universitário no período de transição universidade-trabalho. No caso dos universitários-atletas, Barbosa (2014) sugere que um dos motivos para estas incertezas seja a já mencionada gestão amadora do esporte universitário, em especial no âmbito das IES públicas, pois a falta de clareza na legislação associada à inexistência de serviços de orientação especializados dificulta o atendimento das demandas específicas da construção da carreira dos universitários envolvidos com o esporte. Além disso, a dificuldade de planejamento foi apontada como algo que afeta a construção da carreira também em outros grupos, como apontou Alan: “eu acho que [serviço de orientação] é importantíssimo demais na faculdade. Não tem como quantificar quantos, mas muitos alunos têm essa dificuldade. Falam “e agora o que eu vou fazer? Eu trabalho? Como faz?””.

O discurso do participante reforça a importância da oferta de serviços de orientação profissional e de carreira no contexto universitário, como fora evidenciada no estudo de Watt e Moore (2001). Tais serviços dedicam-se a orientar os universitários nos diversos aspectos da carreira, como também na preparação para a transição universidade-trabalho. No caso dos universitários-atletas, os serviços de orientação poderiam oferecer apoio para que eles refletissem sobre o futuro profissional, habilidades conquistadas durante a graduação e aquelas desenvolvidas por meio do envolvimento com o esporte, expectativas de sucesso na carreira, e possibilidades e barreiras para seguir a carreira esportiva. A partir de uma exploração orientada para as possibilidades disponíveis seria possível definir projetos e planos de ação mais claros e compatíveis com a realidade e as motivações.

Continuação dos estudos

Este repertório apontou a continuidade dos estudos como o plano mais concreto para o futuro. As expressões que o caracterizaram foram “especialização, acho que é o mais adequado”, “penso em fazer vários cursos além da pós-graduação”. De acordo com a percepção dos participantes, a continuidade dos estudos parece a única opção disponível, para conseguirem inserção no mundo do trabalho. O conhecimento adquirido na graduação e nas vivências no esporte não parecem contribuir para esta tarefa. A fala de Odir ilustra esse posicionamento: “Quero fazer uma especialização [...] hoje está tudo tão competitivo no mercado de trabalho, que a graduação em si não é mais um diferencial. Antes “nossa ele é formado”, hoje em dia isso é pouco”.

De acordo com o estudo de Oliveira (2014), a opção de continuar os estudos depois da graduação parece servir como algo que traz segurança ao recém-formado, pela manutenção do papel de estudante, para ganhar tempo até que a carreira profissional se encaminhe, e pela necessidade de adquirir conhecimentos não obtidos durante a graduação. Para este grupo de universitários-atletas a continuação dos estudos foi o projeto escolhido para direcionar os investimentos na carreira após a conclusão da graduação. Nenhum dos participantes pontuou a possibilidade ou o desejo de seguir a carreira esportiva. Tendo em vista a dinâmica da saliência dos papéis que permeiam a trajetória de carreira do universitário-atleta (Watt & Moore, 2001), é esperado que os projetos de vida e carreira após a graduação sejam diferenciados, podendo abarcar ou não a continuação da carreira no esporte. Contudo, neste estudo, a carreira de atleta não fez parte dos projetos de futuro destes universitários.

CONCLUSÃO

Os achados deste estudo permitiram explorar as percepções de universitários-atletas sobre a construção de suas carreiras no processo de transição universidade-trabalho. Foi possível delinear semelhanças no que diz respeito às trajetórias e projetos de vida/carreira de universitários-atletas.

De modo geral, a análise do discurso ressaltou aspectos comuns das trajetórias de vida percebidas por esse grupo. Em relação às histórias de vida/carreira, alguns participantes destacaram o envolvimento esportivo desde criança como fator de influência na escolha do curso e no desenvolvimento de habilidades transferíveis para o mundo do trabalho.

A dinâmica da saliência dos papéis de universitário e atleta esteve presente durante toda a trajetória como tema de vida recorrente, desde a escolha do curso até os planos para depois da graduação. O enredo comum pareceu girar em torno da importância que o esporte tem em suas vidas, desde a infância, estendendo-se durante a graduação e como perspectiva de futuro, uma vez que todos os participantes manifestaram desejo de continuar vinculados com o esporte, pelo menos como lazer. Em relação aos projetos de vida/carreira, o grupo estudado mostrou dificuldades em planejar o futuro, pois descreveu seus planos apenas com ideias vagas como o desejo em continuar estudando. Nenhum dos participantes mencionou a continuação da carreira de atleta como um projeto para após a conclusão da graduação.

Como implicações teórico-práticas, os resultados encontrados nesse estudo contribuem para o avanço da produção do conhecimento no campo da Psicologia da Carreira em interface com a Psicologia do Esporte. Contudo, sinaliza-se a necessidade de mais estudos para mapear o contexto esportivo universitário brasileiro na contemporaneidade, bem como sobre a construção da carreira de universitários-atletas, em especial no processo de transição universidade-trabalho. Isto porque, diante das dificuldades e da falta de apoio para conciliar os papéis de universitário e atleta, os universitários-atletas se veem obrigados a priorizar os estudos ou até abandonar o papel de atleta no momento de maior exigência acadêmica que coincide com o final da graduação, inviabilizando o investimento na carreira atlética como projeto de vida/carreira.

Assim, a criação de programas de apoio ao universitário é relevante, como ação de cuidado e atenção ao estudante em geral. Particularmente outras ações podem ser direcionadas aos universitários envolvidos com esporte em qualquer grau, pois duas carreiras estão em construção, e observa-se necessidade de melhorar o desempenho e a relação entre os dois

papéis. Para estruturar tais ações poderiam ser utilizados como referência os modelos de programas e serviços especializados que já existem nos EUA, reconhecidos pela NCAA (Watt & Moore, 2001) e, concomitantemente, dar atenção às especificidades brasileiras e de modalidades esportivas nacionais.

No contexto brasileiro, existem serviços de orientação profissional e de carreira para a comunidade universitária em algumas instituições, entretanto, não há estudos na literatura que apresentem tais serviços voltados para o grupo específico de universitários-atletas. Dessa forma, a elaboração de programas com este foco poderia envolver temas como conciliação dos papéis salientes, uso das habilidades transferíveis do contexto esportivo para o mundo do trabalho, e desenvolvimento de estratégias de permanência esportiva, junto aos órgãos fomentadores desta prática no contexto universitário, como as próprias IES, fundações estaduais e a CBDU. Em outra instância, a criação de programas nesse sentido também se justifica pelo auxílio na construção de projetos de vida/carreira mais claros e na possibilidade de seguir com a carreira esportiva após a graduação como prioridade ou mais uma opção.

Apesar das contribuições do estudo, algumas limitações podem ser consideradas. A dificuldade em encontrar pesquisas publicadas no Brasil foi um limitador, pois a divulgação de dados de órgãos envolvidos com o esporte universitário brasileiro não é uma prática comum, limitando os achados às dissertações de mestrado recentes, como as de Barbosa (2014) e Carvalho (2015). O número restrito de participantes, do mesmo sexo e de uma única universidade mostra a necessidade de uma agenda de pesquisa com ampliação da amostra e de contextos. Sugerem-se também investigações com outros tipos de atletas, como os atletas-universitários, e com outras IES brasileiras.

Em síntese, o presente estudo sugere reflexões sobre o contexto em que o jovem universitário-atleta brasileiro constrói sua carreira. A estrutura oferecida pelas universidades públicas brasileiras parece mediar a qualidade do envolvimento com o meio acadêmico e esportivo, já que a falta de suporte parece desmotivar a permanência esportiva. Contudo, o envolvimento com os esportes deixa de ser parte dos planos pela necessidade de conclusão do curso. Os resultados reafirmam a intenção inicial deste estudo, revelando

a real necessidade de se pensar em estratégias que auxiliem na construção da carreira dos universitários-atletas brasileiros tanto quanto dos universitários em geral.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. E. G. G., & Magalhães, A. S. (2011). Escolha profissional na contemporaneidade: Projeto individual e projeto familiar. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 12(2), 205-214.
- Alfermann, D., & Stambulova, N. (2007). Career transitions and career termination. In G. Tenenbaum & R. C. Eklund (Eds.), *Handbook of sport psychology* (3rd ed., pp. 712-736). New York, NY: Wiley.
- Barbosa, C. G. (2014). *Liderança na gestão do esporte universitário: Proposta da criação de uma rede de dados*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- Barros, K. S. (2008). Recortes da transição na carreira esportiva. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 2(1), 1-27.
- Bomfim, L. A. B. (2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis: revista de saúde coletiva*, 19, 777-796.
- Brasil (1998). *Lei n. 9.615, 24 mar. 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências*. Recuperado em 19 de setembro de 2018 de <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm>.
- Brown, D. J., Fletcher, D., Henry, I., Borrie, A., Emmett, J., Buzza, A., & Wombwell, S. (2015). A British university case study of the transitional experiences of student-athletes. *Psychology of Sport and Exercise*, 21, 78-90.
- Carlini-Cotrim, B. (1996). Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. *Revista de Saúde Pública*, 30(3), 285-293.
- Carvalho, R. A. T. (2015). *Atleta não estuda? Investigando a evasão escolar dos alunos-atletas na educação superior*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo.

- Dias, C. A. (2000). Grupo focal: Técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Informação & Sociedade: Estudos*, 10(2), 7-22.
- Foldesi, S. G. (1993). The Transformation of Sport in Eastern Europe: The Hungarian Case. *Journal of Comparative Physical Education and Sport*, 15(1), 5-21.
- Galien, J. (2004). Education through University Sport. *Proceedings of the FISU Forum*, Lisbon, 37-46.
- Gondim, S. M. G. (2003) Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, 12(24), 149-161
- Knabem, A., & Ribeiro, M. A. (2015). Transição universidade-mundo do trabalho: Trajetórias profissionais e projetos de vida de egressos do ensino superior. In: T. R. Raitz & P. Figuera-Gazo. (Orgs.), *Transições dos estudantes: Reflexões ibero-americanas*. (pp. 89-106). Curitiba: CRV.
- Lassance, M. C., & Sarriera, J. C. (2009). Carreira e saliência dos papéis: Integrando o desenvolvimento pessoal e profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(2), 15-31.
- Leiros, A. C. R., Damiani, C., Costa, F. S., Gnecco, J. R., Filgueira, J., & Cabral, L. (2010). *Perspectivas para o esporte universitário: Reflexões do 1º Encontro Nacional de Atléticas Universitárias*. São Paulo: Centro de Estudos e Memória da Juventude.
- Magalhães, M. O., & Teixeira, M. A. P. (2013). Antecedentes de comportamentos de busca de emprego na transição da universidade para o mercado de trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 411-419.
- Mirotti, S. Z., & Casasnovas, O. (2003). Edad de iniciación deportiva: Óptimo momento psicofísico. *Archivos Argentinos del Pediatría*, 101(4), 296-311.
- Oliveira, M. C. (2014). *Sucesso na carreira depois da graduação: Estudo longitudinal prospectivo da transição universidade-trabalho*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

- Parente, F. M. S. (2011). *Oferta e procura desportiva dos estudantes do ensino superior – estudo realizado com os alunos do 10 ano da Universidade do Minho*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Petrie, T. A., & Russell, R. K. (1995). Academic and psychosocial antecedents of academic performance for minority and nonminority college football players. *Journal of Counseling & Development, 73*(6), 615–620.
- Postigo, F. L. J., & Oliveira, M.C. (2015). A experiência da transição universidade-trabalho: relatos de recém-formados brasileiros. *Revista AMAzônica, v. 16, n. 2, p. 289-310*.
- Potter, J., & Wetherell, M. (1987). *Discourse and social psychology: Beyond attitudes and behavior*. London, UK: Sage.
- Ramos, A. G., & Lima, E. S. (1996). O secundarista e o processo de escolha da profissão. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 77*, 191-219.
- Renfro, W. (2007). O desporto universitário nos Estados Unidos: acrescentar valor a experiência do ensino superior. *Workshop perspectivas para o desporto universitário na Europa e gestão de infraestruturas desportivas*. Lisboa: Ed. Estádio Universitário de Lisboa.
- Renson, R. (1999). *Social Sports Stratification*. Leuven: Katholieke Universiteit.
- Ribeiro, M. A. (2014) *Carreiras: Novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado*. Curitiba: Juruá.
- Spink, M. J. (2004). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Stambulova, N., Alfermann, D., Statler, T., & Côté, J. (2009). ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. *International Journal of Sport and Exercise Psychology, 7*, 395-412.
- Stambulova, N. (2010). Counseling Athletes in Career Transitions: The Five-Step Career Planning Strategy. *Journal of Sport Psychology in Action, 1*(2), 95–105.
- Starepravo, F. A., Reis, L. J. A., Mezzadri, F. M., & Marchi, W., Jr. (2010). O esporte universitário no Brasil: uma interpretação a partir da legislação esportiva. *Esporte e Sociedade, 5*(14), 1-23.

- Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2004). Estou me formando... E agora? Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1), 47-62.
- Velho, G. (1981). *Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Veloso, T. (2005). *Projecto de desenvolvimento do desporto universitário de competição, exemplo a Universidade de Porto*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Portugal.
- Watt, S. K., & Moore, J. L., III. (2001). Who are student athletes? *New Directions for Student Services*, 93, 7-16.
- Wylleman, P., Lavallee, D., & Alfermann, D. (1999). *Career transitions in competitive sports*. Biel, Switzerland: FEPSAC.
- Wylleman, P., & Lavallee, D. (2004). A developmental perspective on transitions faced by athletes. In M. Weiss (Ed.), *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective* (pp. 507-527). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.